

DULCE DE MONTALVO

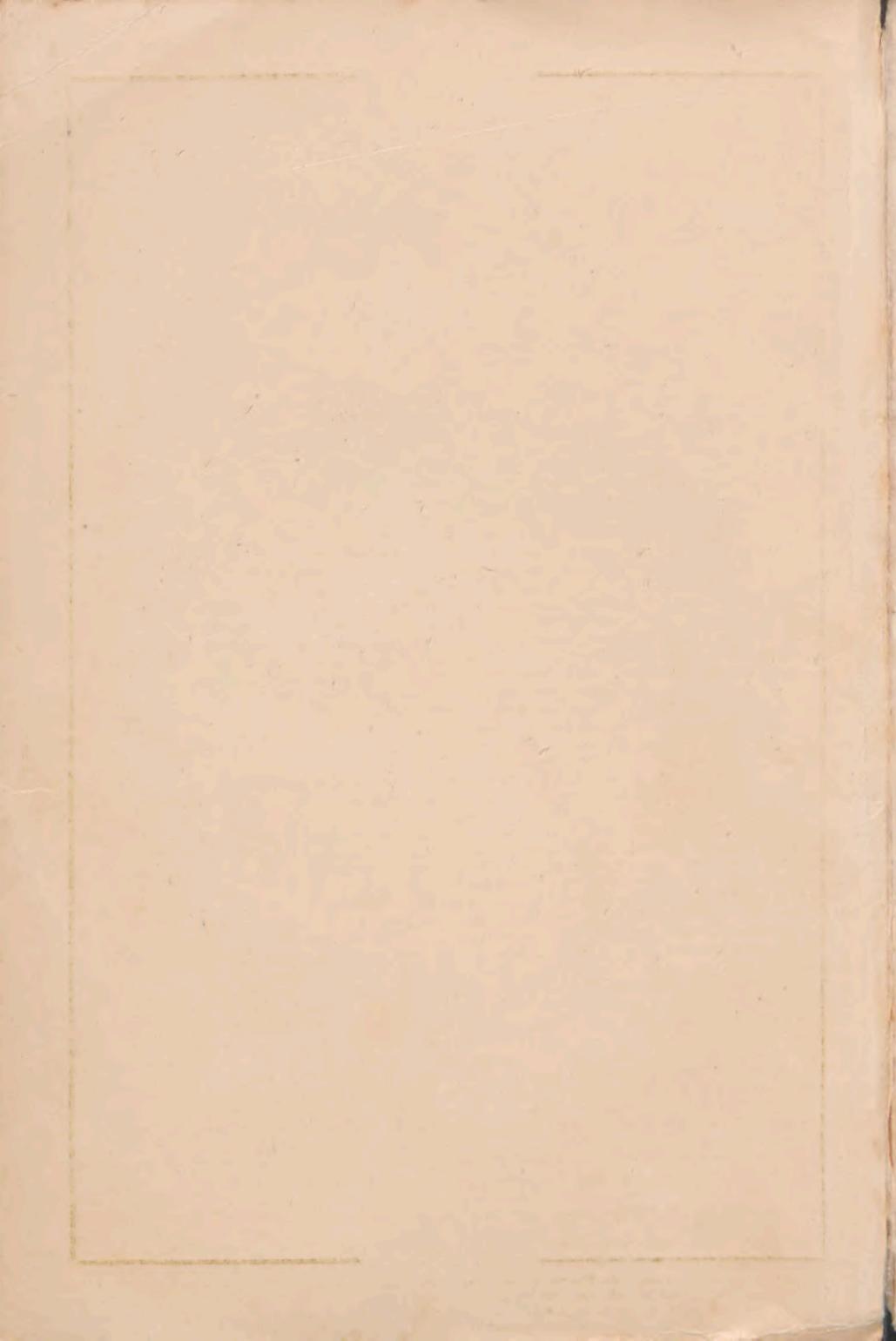


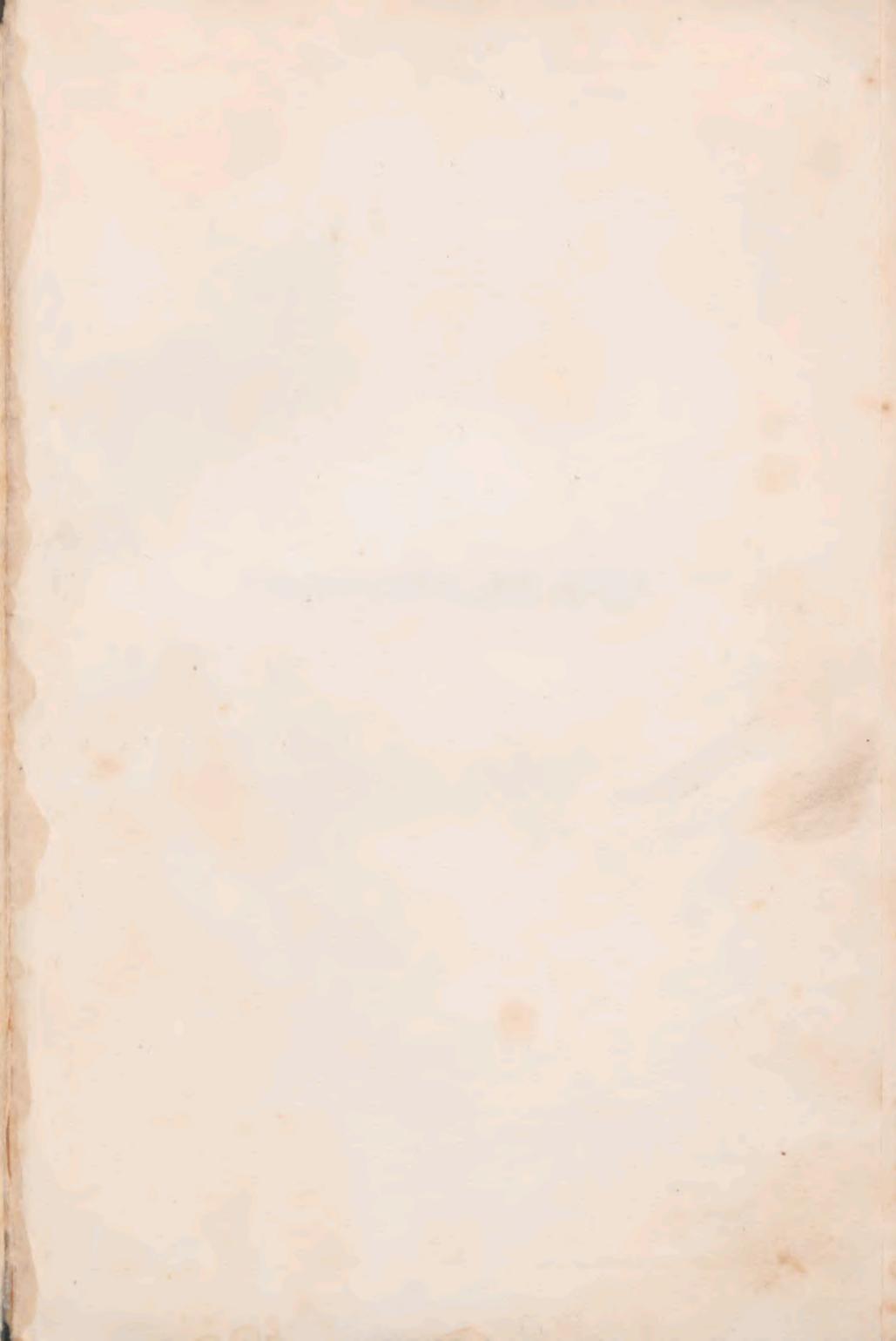
**Vibrações  
da Vida**

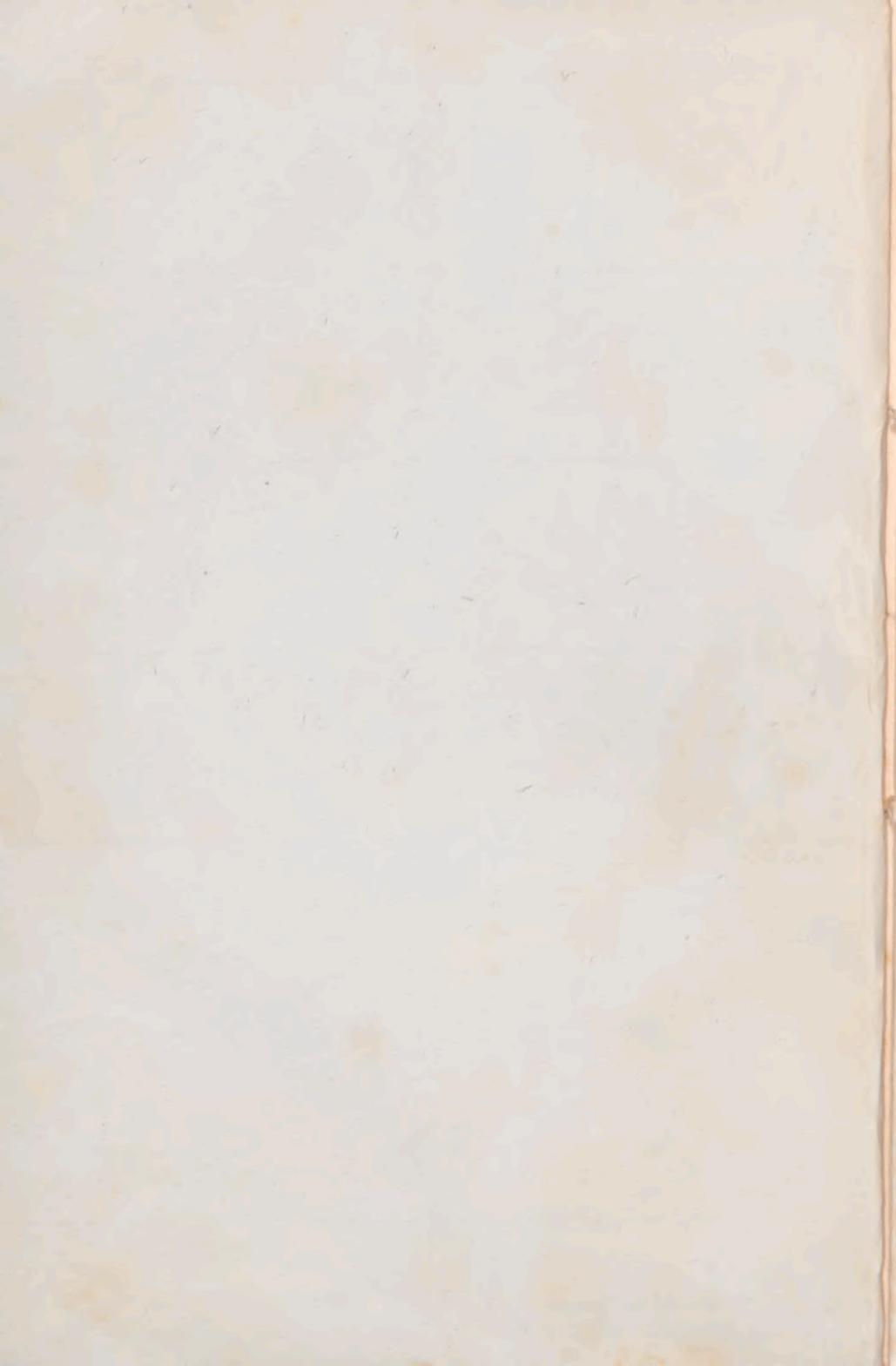


4.3-1 Montalvo, E

BARCELOS  
1939







VIBRAÇÕES DA VIDA

—————  
CONSTITUIÇÃO DO LIVRO  
—————  
SARAJEVO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO ———  
COMPANHIA EDITORA DO MINHO  
BARCELOS ———





*Marta do Carmo de Lima Bandeira Ferreira*  
(Dulce de Montalvo)

DULCE DE MONTALVO

VIBRAÇÕES  
DA  
VIDA

---

BARCELOS

1939 MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 61326

*Barceliana*

DUCE DE MONTAIGNE

VIBRACOES

VIDA

PARIS

1818

M. BICHSEL

*N*ÃO conseguia a vida actual, na loucura vertiginosa do seu rimo insofrido, apagar completamente do coração da Humanidade aquêlê resplandecente halo que, como recolhido esplendor, brilha em humildade e em grandeza, dentro das almas, como altissimo culto ao affecto e ao amor. É que nem tudo é cinza, nesta hora de cruel indiferença.

No apressado e ofegante bater da existência, na rápida conquista da própria vida, onde mal temos tempo de dar à sensibilidade um pouco de affectivo calor, mostrando a nós mesmos a gracil beleza do que é bom e puro, simples e perfeito, do que é amoroso e eterno, é espiritualmente reconfortante assistirmos a evocações que constituem homenagens póstumas, as únicas que nobilitam em tôda a sua grandeza significativa quem as promove.

Só o facto de eu ter sido um afeiçoado companheiro de Dulce de Montalvo, na sua breve e luminosa carreira literária, poderá justificar o convite, para abrir com palavras minhas, este livro de versos.

Antevia a sua autora a publicação do volume. Mais, — desejava-o; não porque a sua alma puríssima ambicionasse mostrar ao mundo a harmonia irisada das rimas feitas e sentidas em amorosa intimidade, mas para sua satisfação pessoal onde ia um reflexo de triumpho alcançado pelo recolhimento.

Com 23 anos, idade em que faleceu, Dulce de Montalvo estava cansada da vida, por reconhecer que no mundo, os

*bons sentimentos, as nobres virtudes, uns e outros talhados por nossas mãos em horas inspiradas de perfeição moral, e que os talentos, graça divina ou bênção de Deus, não eram motivo de felicidade terrena.*

*Uma inquietação intensa a dominava. Tal anseio e tal incompreensão, transparecem nitidamente no soneto «Porquê?»*

Que ancestral ambição alta e perfeita,  
Se encontra em mim, bem recolhida?

.....  
Porque não sou igual a tôda a gente  
Que vive, mas não sofre, mas não sente  
A tortura de ver-se incompreendida?

*Deus escolheu entre o desejo da torturada vida e a Sua suprema vontade, levá-la, para a juntar com outras igualmente incompreendidas sensibilidades, com outras almas puríssimas e boas, amorosas e afectivas, talvez para formar no Céu uma côrte de poetisas, qual delas a mais ansiosa de perfeição, a mais torturada,—e para nós, a mais saudável . . .*

\*

\*

\*

*Não se presta um primeiro livro para acentuar a evolução estética, e digamos mesmo formal, dum espírito.*

*Traduzem, no entanto, os versos de Dulce de Montalvo, o seu estado de alma, que era, pelo que se notava na sua convivência epistolar, pouco tranqüilo*

*Alma delicadíssima de Mulher, não podia deixar de mostrar nas suas composições poéticas o seu temperamento lírico e sonhador.*

*Está reconhecido que a um período de sensibilidade e de imaginação, sucede a fase de observação. Embora o sentimento seja motivo principal dentro de tôdas as modalidades literárias, dá-se como certo que passado o período inicial, a poetisa, a viver, dar-nos-ia os primores do seu talento, então mais amplamente dentro da imaginação.*

*Nos sonetos, especialmente, que fazem parte deste volume, se vê o poder do Amor sobre o espírito de Dulce. É que esse motivo tem muitas vezes redimido a arte, tendo força quasi divina, desperta as almas para um mundo onde a beleza é fervorosa primavera a florescer . . . Analisando a obra de Dulce de Montalvo, verifica-se que esse imperativo sentimento, eterno caudal de alegrias e tristezas, foi um auxiliar importante da poetisa, — ou não tivesse Dulce sido Mulher na mais pura, na mais eloquente e mais graciosa expressão! — aliando-se aos seus talentos de poetisa e de pensadora.*

*A esse estado de espírito, surgiu, como inevitável inquilino, um outro estado: o sofrimento moral, que por ser recolhidamente íntimo, era desconhecido dos que lidavam mesmo de perto com a poetisa. A dor de pensamento, sem dúvida a*

*que é mais difícil de suportar-se, aninhou-se dentro da alma da poetisa, vindo por compreensão, e não por uma sentimentalidade exagerada, imposta por determinados factos de carácter superior aceitara-a com confessada resignação.*

\*

\*

\*

*Melhor do que tódas as minhas palavras, feitas de admirativo culto, falam os versos que se seguem.*

*Escute-mo-los com aquela merecida parcela de enternecimento e de enlévo espiritual a que o nome da autora tem incontestável direito. O contacto das suas rimas, será o contacto com a sua alma puríssima, límpida como êste luminoso Maio florido, que nos levou a poetisa há um ano, nas galas cariciosas dos seus perfumes e da nossa imperecível saíidade.*

Primavera de 1939

CARLOS SOMBRIO

## AUTO-RETRATO

Nada tenho de belo ou de invulgar  
Eu sou igual a esta e mais aquela  
E nada tenho em mim que prenda o olhar,  
Porque se não sou feia não sou bela.

E o coração humano, para amar,  
Qualidades mais altas quere e anela ;  
Não gosta do que é simples e vulgar,  
Prefere à calma sã, louca procela.

Eu sou banal como as banais figuras,  
Que passam pela vida sempre obscuras,  
Sem um raio de sol a iluminá-las.

Mas sendo assim humilde e pobrezinha,  
Sinto-me sup'rior a uma rainha,  
Quando apareces, quando tu me falas...

## PODER PERDIDO

Já não têm vida as minhas mãos esguias,  
Que tu amavas com suave unção.  
Sem o calor da tua devoção,  
Ficam agora abandonadas, frias.

As minhas mãos que tinham sedução,  
E frémitos reais de ondas bravias,  
Estendem-se hoje, pobres e vazias,  
A mendigar um pouco de afeição.

Minhas mãos de princesa de balada,  
Que tu chamaste, um dia, «mãos de fada»  
Tornaram-se tesoiros sem valor.

Já não sabem tecer as ilusões,  
Que prenderam os nossos corações,  
Num fugidio e torturante amor.

## PARA ONDE?

Ando no mundo sem destino certo.  
Ando na terra a perscrutar o Céu.  
E meu olhar, de lágrimas coberto,  
Reflecte um sonho lindo que morreu.

Quem me abriu um caminho tam incerto?  
Esta sorte tam negra, quem m'a deu?  
Estendo os braços e o Ideal, liberto,  
Foge de mim como da Cruz o ateu.

Meus passos, demorados e dolentes,  
Lembram o desmaiar de tardes quentes,  
Um pôr de sol nostálgico, tristonho...

Caminham para onde? nem eu sei,  
À procura dos beijos que te dei,  
E dos míseros restos do meu sonho.

## SONETILHO

Naquela varanda antiga,  
Engrinaldada de rosas,  
Onde a saudade se abriga,  
Passo horas dolorosas.

Olho os longes qual mendiga,  
De mãos vacias, ansiosas,  
A quem a sorte castiga  
Com esp'ranças enganosas.

Olho os longes, o horizonte,  
E vejo, p'ra além do monte,  
Luzir um farol distante.

Assim teu olhar escuro,  
É minha luz no Futuro  
Luz pequena e vacilante.

## EM BUSCA DO IDEAL

Tenho corrido o mundo, tenho andado,  
Por caminhos difíceis, tortuosos,  
Tenho seguido rastros luminosos,  
Em busca do meu Príncipe Encantado.

Tenho sentido anseios dolorosos,  
Tenho corrido a terra lado a lado,  
E por mais que procure o meu amado,  
Só encontro fantasmas horrorosos.

Meu Ideal tam alto, tam perfeito,  
Começo a crêr que só dentro do peito  
Pode brotar, crescer e reflorir...

Porque nos corações que se me entregam,  
Só vejo qualidades que me negam,  
O que eu ambicionava possuir!...

## CONFISSÃO

É verdade chorei, mas não por ti,  
Chorei por meu amor despedaçado,  
Chorei por êsses dias que perdi,  
No culto dum amor mal empregado.

As saudades amargas que senti,  
Ao evolar-se o sonho bem amado,  
Que eu em bem longas horas construi,  
Não t'as dou, ofertei-as ao Passado.

É verdade chorei, mas só por mim;  
Por ver meu alto anseio ter seu fim,  
Entre o sarcasmo duma gargalhada.

Chorei pelo que fui e sou agora,  
Pelas ridentes ilusões de outrora,  
E pela minha vida destroçada.

## A NOSSA CASA

A nossa casa é sempre linda e boa.  
Quer seja uma choupana pobrezinha,  
Construída depressa, quási à toa,  
Quer seja um palacete de alta linha.

A nossa casa é o teto que abençoa,  
Que nos acalma, que nos acarinha,  
Que importa que ela tenha uma coroa  
Ou seja pobre, rústica e vèlhinha?

A nossa casa — paço de nobreza,  
— Palácio recamado de riqueza,  
— Ou moradia simples e modesta,

— É sempre a nossa casa, o nosso lar,  
Onde todos queremos acabar,  
Quando outra vida suceder a esta.

## NA JORNADA DA VIDA

Ó caminheiro errante que me trazes,  
Nesse alforge tam grande, tam pesado?  
O perfume suave dos lilazes?  
O eco dum poema já cantado?

Dores e tristezas? Ilusões fugazes?  
O Paraíso há muito desejado?  
— Se soubesses a pena que me fazes  
Ao vêr-te entristecido e desolado!

Senta-te à minha porta; pára aqui.  
E olha o meu olhar que te sorri,  
Como se já te vira em outra parte.

Caminheiro detem-te; eu sou Aquela,  
Que nunca achou a vida boa e bela,  
E que passou os dias a esperar-te...

Estou triste porquê? — não sei dizer.  
Porque sinto esta atroz melancolia,  
E um desejo tam alto de esquecer,  
De fugir à tormenta que me guia?

Porque sofro e lamento o meu viver?  
Porque perdi o encanto da alegria,  
E não sei rir, cantar, a dor vencer,  
Renegando um passado de agonia?

Donde herdei esta febre de verdade,  
Esta ânsia de ternura e de bondade,  
— Sonho tam impossível quam profundo?

— Porque não sou como os vulgares mortais,  
E tenho um coração grande demais,  
Para albergar a pequenez do mundo!

## EXALTAÇÃO!

Não ter nem coração nem sentimento.  
Ser como a pedra, a rocha dura e fria.  
Desconhecer a Dor, o Sofrimento,  
A amargura, a tristeza, a nostalgia.

Ser doida como a chama, como o vento,  
Que calcina, que apaga, que varia;  
Como nuvem fugaz num céu cinzento,  
Ser uma silva agreste, má, bravia.

Ser tudo o que há de mau e tenebroso,  
Um mar encapelado, revoltoso,  
Um remorso de crime sem perdão.

Ser a aridez calmosa do deserto,  
Ser um corpo sem alma ou eco incerto,  
— Para não ter por ti esta afeição?...

## PARTIR

Digo-te adeus com calma, com coragem,  
Olhos enxutos, lábios a sorrir,  
Que vale para nós uma viagem,  
Se contigo minha alma vai partir?

Partindo fica em mim a tua imagem,  
O som da tua voz, o teu sentir,  
O consôlo da tua vassalagem,  
E dos dias felizes que hão-de vir.

Separados? — não creias, por favor...  
Só está longe quem não tem amor,  
Quem não tem fé nos corações leais.

Se carpimos tam breve apartamento,  
E choramos a ausência dum momento,  
Que fará quem partir p'ra nunca mais?

## NUM ÁLBUM

### VIOLETAS

Violetas perfumadas,  
Escondidas, recatadas,  
Entre a folhagem  
Côr de esperança,  
— Criou-as Deus Poderoso  
Humilde, meigo e bondoso,  
À sua imagem  
E semelhança.

## VIA DOLOROSA

A vida é dolorosa e traiçoeira,  
Para quem segue só, sem ter um par.  
Eu espero por ti p'ra caminhar,  
Bem juntos um ao outro a vida inteira.

Assim, associados, devagar,  
Vamos subir à íngreme ladeira,  
Até que sôe a hora derradeira,  
A hora de morrer e descansar.

Não tenhas mêdo amor, depressa passa,  
O vendaval da dor e da desgraça,  
E nova aurora surgirá um dia.

Afinal esta vida analisada,  
Resume-se a poeira, cinza e nada,  
É transição veloz e fugidia.

## LONGE DA VISTA, PERTO DO CORAÇÃO

A distância não é nada,  
Para aquêles que se adoram.  
Longe vivem, longe moram,  
Com a alma aproximada.

Sabermos que em certo instante,  
Somos lembrados de alguém,  
É p'ra nós o sumo bem,  
Alegria confortante.

Dizem que longe da vista  
É longe do coração ;  
Mas há muito quem resista,

Ao pezar do afastamento.  
Basta amar com devoção,  
P'ra evitar o esquecimento.

## LIBERTA!

Despedacei há pouco a minha lira,  
Que cantava o amor que por ti tinha.  
Acabou-se a tortura má, daninha,  
Dêsse querer que outrora a ti me unira.

Volta a alegria que de mim partira,  
A esperança de novo me encaminha.  
Calco a saúde aos pés, sou a raíña  
Do coração que há muito me fugira.

Sou livre como a ave, como o vento,  
Despedacei as grades do convento,  
Do meu convento da melancolia.

Olhos fitos em rútilo ideal,  
Eu caminho liberta e triunfal,  
Para o país do Sonho e da Alegria!

## TARDE NA ALDEIA

E vai passando a tarde. Lentamente  
O fumo leve sobe em espirais  
Enquanto, na soleira dos portais,  
O lavrador conversa alegremente.

Os dias da semana, sempre iguais,  
Passados em trabalho persistente,  
Deram lugar à calma enlanguesciente,  
Dum Domingo de sol e rituais.

Cantam moçoilas pela estrada fora,  
Ao longe, geme a água numa nora,  
E choram rouxinóis nos salgueirais.

Abençoada paz do entadecer,  
O Sol, hóstia de luz, vai perecer  
Entre as altas ramagens dos pinhais.

## SER POBRE

Ser pobre não é ter falta de pão,  
Não é querer o mundo e não ter nada,  
Ou ver insatisfeita alta ambição,  
Duma vida de rosas perfumada.

Ser pobre não é ter a privação,  
Da riqueza e da sorte desejada;  
Nem é sofrer a dor da humilhação,  
— Ser pobre é ter amor não sendo amada.

## PORQUE GOSTO DE TI

Fazer comparações não posso, amor.  
Gosto de ti sei lá como de quê!  
Como de Deus em que a minha alma crê,  
Como do sol bemdito e criador.

Gosto de ti; no meu olhar se vê,  
O grau desta afeição superior.  
Para que queres saber com tal rigor  
Porque gosto de ti? Sei lá porquê!

Gosto de ti por seres o meu eleito,  
Por seres o Ideal mais alto e mais perfeito  
Que minha alma sonhou desde criança.

Gosto de ti, por seres tu o escultor,  
Que fêz a obra prima dêste amor,  
Cinzeland-a de fé e de esperança.

## CONSUMATUM EST

Criou-me Deus talvez para rainha  
E eu quis antes ser a tua escrava.  
Pobre de mim que tam cedo olvidava,  
Que tua sina nunca fôra a minha.

Meus tesoiros de amor por ti gastava,  
E nunca fui avara nem mesquinha !  
Era a serva fiel da tua vinha,  
Era a luz que à victória te levava.

Fiz-te condor ; alcei-te até ao céu.  
E sem ver que o valor era só meu,  
Dei-te o melhor lugar dentro do peito.

Mas um dia, não sei porque razão,  
Despedaçou-se o véu dessa ilusão,  
E tu voltaste ao pó de que eras feito.

## ELOGIO DA DOR

Não canto um évhé à Primavera,  
Nem louvo a Natureza — deusa altiva —  
Só enalteço a Dor, a minha diva,  
Cruel, imperiosa, mas sincera !

Não canto a amenidade sensitiva,  
Duma paixão que dentro em mim impera.  
Nem ergo um hino à Glória — vã quimera —  
Que sempre a Humanidade tem cativa.

Só a Dor é rainha-soberana,  
Só a Dor nos iguala e nos irmana  
No mesmo abraço nobre e fraternal.

Cai o poder das gentes e do mundo,  
Mas o da Dor mantem-se alto, profundo,  
É um poema eterno e triunfal.

## AMIGO — AMOR

Chamo-te amigo, Amor, p'ra mascarar  
A afeição infeliz que por ti sinto.  
E quanto mais me escondo e mais te minto,  
Maior é meu tormento, meu penar.

Chamo-te amigo, Amor, porque pressinto,  
Que Deus não me criou para teu par.  
E que na minha vida o verbo amar,  
Foi som esperançoso já extinto.

Chamo-te amigo só e nada mais,  
Em frases bem corteses e banais,  
Como é vulgar entre homem e mulher.

Mas meu olhar — espelho que não mente —  
Mostra-te bem o que a alma sofre e sente,  
— Diz-te em silêncio o muito que te quer.

## AVÉ, NATURA!

Bem dita seja a terra, a linda aldeia,  
Onde passei a minha mocidade,  
À luz abençoada da candeia,  
E longe do bulício da Cidade.

Sem a maldade que a deprime e afeia,  
A vida aqui é sã como a verdade;  
Não há o « chá das cinco » mas há ceia,  
Com caldo verde e pão da minha herdade.

Tudo é puro e singelo, e calmo, e são;  
A água da nascente, a floração,  
O céu que resplandece noite e dia.

Bem dita seja a terra primitiva,  
A nobre Natureza, a casta diva,  
Que desconhece o Chic e a Hipocrisia!

## ALMAS SEM PAR

Nascem as almas aos pares  
— Sempre assim ouvi dizer —  
Mas quantas almas sòsinhas,  
Andam p'r'aí a sofrer?!

Criam-se as almas aos pares,  
Mas tam longe e apartadas,  
Que morrem sem conhecer-se,  
Eternamente isoladas.

Almas sem par, almas tristes,  
Que vivem sempre a penar.  
Eu queria ter mil almas,  
Para a todos confortar.

Almas pobres de venturas,  
Almas pobres de carinhos,  
São mais pobres do que os pobres,  
Que pedem pelos caminhos.

Almas nobres, lapidadas,  
Por constante sofrimento.  
Quem passa julga-as felizes,  
Desconhece o seu tormento.

Almas sòsinhas no mundo,  
Almas perdidas, sem norte,  
À procura da irmã-gémea,  
Que as compreenda e conforte.

Almas sem par, pobres almas,  
Burladas pela Dor,  
Que ao menos sôbre vós desça  
A compaixão do Senhor!

## O MINHO

Quem viu o Minho uma vez  
— Quer seja ou não português —  
Fica p'ra sempre encantado ;  
Porque o Minho é um paraíso,  
— Um coração, um sorriso,  
Uma cantiga, um bailado . . .

Nas alegres romarias,  
Os Manuéis e as Marias,  
Êles lépidos, galantes,  
Elas airosas, coradas,  
De largas saias rodadas,  
Tornam-se noivos amantes.

E nas noutes de esfolhadas  
Quando as espigas doiradas  
Parecem oiro de lei.  
Quantas promessas e juras  
Têm uniões futuras  
Honra e nobreza da grei ?!

Neste Minho dos descantes,  
Onde os prados verdejantes,  
Se matizam de lilazes,  
São mais sãs e verdadeiras,  
As almas das lavradeiras,  
E os corações dos rapazes.

Terra linda e bonançosa,  
Onde a água rumorosa,  
Enche tudo de frescura.  
Pelos dons que Deus lhe deu,  
É um cantinho do céu,  
Onde reside a ventura.

## VÉLHO TEMA

Nos tempos do feudalismo,  
De heroísmo,  
E valor,  
As rainhas e princesas,  
Eram prêsas,  
De cupido tentador.

Mas aos guerreiros de fama,  
— Valentes e denodados —  
Correndo por sua dama  
Os perigos mais ousados,

Preferiam menestréis,  
E jograis e trovadores,  
Que lhes ditavam as leis  
Do coração, dos amores.

E embora tendo senhor  
— Um espôso rude e nobre —  
Suas almas, seu amor,  
Eram do poeta pobre.

Princezinhas doutras eras,  
Lindas « donas » encantas  
Pelas suaves baladas  
Dêses cultores de quimeras ;

Quantas dentre vós queriam,  
Trocar brocados e oiro,  
E jóias que refulgiam  
No vosso cabelo loiro,

Pelos trajes de sergilha,  
Da mais humilde serrana,  
Para ter a maravilha,  
Do amor e uma cabana ?!

## RECORDANDO

Foi numa noite linda de luar.  
Ouvíamos Chopin de mãos unidas.  
Umhas notas dolentes, combalidas,  
Que faziam sofrer, carpir . . . sonhar.

Como um par de avesitas sucumbidas,  
Teus olhos procuraram meu olhar.  
E senti tua bôca repousar,  
Nas minhas mãos esguias, doloridas.

Parou o Tempo, a Vida, abriu-se o céu;  
Nada existia a não ser tu e eu,  
Num êxtase de sonho e nostalgia.

Meu amor, que tristeza, que saudade,  
Eu sinto a evocar a suavidade,  
Dessa noite de encanto e de magia . . .

## O CARTEIRO

Dá meio-dia ao longe, oiço-o chegar,  
Bonacheirão e calmo, sem cuidados,  
Com maços de jornais encastelados,  
E cartas pelo meio a branquejar.

Quantos sonhos de amor virão guardados  
Nessas cartas que acaba de entregar?  
Quanta alegria e dor êle vem dar,  
A quem espera novas dos amados?!

E é sempre aguardado com anseio;  
Mal desponta na esquina — « olha o correio »!  
Avisa o coração a palpitar.

Mas quanta vez também — sorte lograda —  
Nós o vemos passar sem trazer nada,  
Não nos cansando nunca de esperar!...

## CABELOS BRANCOS

Meu amor : porque te queixas,  
De ver surgir nas madeixas,  
Do teu cabelo ondulado,  
Uns fiositos de neve,  
Que polvilham ao de leve  
Êsse mar acastanhado ?

Não lamentas a chegada,  
De tam suave nevada,  
Que recibes cada dia ;  
Porque em ti tal pormenor,  
Dá um encanto maior,  
À tua fisionomia.

Cabelos brancos em ti,  
Quando a tua bôca ri,  
E teu olhar brilha altivo,  
Não indicam — que tolice ! —  
Que se aproxima a velhice,  
Nem a ela dão motivo !

Tu és novo, meu amor,  
Tens Fôrça, Luz e Valor;  
És Alguém na Humanidade.  
Que importa que venha o outono  
Da vida, se tu és dono  
De perene mocidade?

Não temas ao ver-te assim.  
Tem fé na vida e em mim;  
— Sabes que nunca te minto —  
Nem que te visse vèlhinho  
Te furtaria o carinho  
E a afeição que por ti sinto.

Os teus cabelos nevados,  
Que te trazem mil cuidados,  
Para mim nenhuns me dão.  
Gosto de ti muito mais,  
Ao ver teus olhos leais  
Sondarem-me o coração.

Não receies que te esqueça,  
Ou que o amor se desvaneça,  
Como o fumo da lareira;  
Porque o que em ti me prendeu,  
— A alma que Deus te deu —  
É jovem a vida inteira.

## ANDORINHAS

Vejo-as voltar de novo, alegremente,  
Em bandos ou aos pares acasalados,  
Procurando na sombra dos telhados,  
Abrigo contra o sol da tarde quente.

E fazem os seus ninhos novamente  
Numa tarefa árdua, em mil cuidados,  
Como um casal de noivos-namorados  
Preparando o seu lar solenemente.

É assim sempre em cada primavera;  
Vejo-as chegar e penso — vã quimera! —  
Que um dia também tu hás-de voltar.

Mas passa a primavera, surge o outono  
E tu prossegues no teu abandono,  
— És andorinha mas não de arribar! . . .

## CRUZEIRO ANTIGO

O cruzeiro de granito,  
Que fica a meio do adro,  
Foi noutro tempo, bonito.  
Deu motivo a belo quadro.

Junto dêle as raparigas,  
Folgasãs e prazenteiras,  
Cantavam suas cantigas,  
Dançavam danças ligeiras.

Mas o tempo foi passando,  
E pouco a pouco roubando,  
Ao cruzeiro essa beleza.

— E agora, vélho e crestado,  
Pelas chuvas lapidado,  
Só nos desperta tristeza!

## RENASCIMENTO

Rejuvenesce a alma. O pensamento  
Ensaia novos voos de ventura.  
Os campos têm côr, luz e frescura,  
Torna-se mais brilhante o firmamento.

Cabe-me nova sorte ; tomo alento,  
P'ra longe os tristes dias de amargura.  
Nas minhas mãos eu quero ter segura,  
Felicidade calma, sem tormento.

Vivo da tua vida e teu olhar,  
É farol salvador que há-de guiar,  
O meu novo destino de amorosa.

Nossos corações juntos, como outrora,  
Seguirão amparados, vida fora,  
Uma estrada suave e delectosa.

## SEMELHANÇA

Passam pobres em ronda de tristeza,  
Nas ruas da cidade penumbrosa,  
Mostrando a esquelética magreza  
Sob a roupa coçada e andrajosa.

Arrastam uma vida de incerteza,  
E seguem sua via dolorosa,  
Maldizendo o destino de crueza,  
Que lhes deu essa sorte rigorosa.

Os pobres — enteados da alegria —  
Batidos pela chuva agreste e fria,  
Fitam a sua rota de olhos vagos.

Também assim eu olho minha vida,  
Coração triste e alma cambalida,  
A mendigar carinhos e afagos...

## AMOR ERRANTE

O meu amor é pobre sem poisada,  
É avesita sem destino certo  
Que corre pelo céu, pelo deserto,  
Por todo o mundo, . . . e não encontra nada.

Asas abertas, alma já cansada,  
E coração tristonho, mas liberto,  
Lá segue de mansinho. É longe? É perto?  
Essa felicidade desejada?

O meu amor caminha sem saber,  
Que junto a si anda êste meu querer,  
Que junto a mim talvez fôsse feliz.

E assim irá, sôsinho, correr mundo,  
Para mais tarde vir, já moribundo,  
Saber como o amei, quanto lhe quis.

## A ETERNIDADE

O maior bem da Humanidade é crer,  
Que outra vida melhor se segue a esta.  
Que os dias que se passam, são qual sesta,  
Que nos dá momentâneo e vão prazer.

A quem tiver mais alto conceber,  
A sedução do mundo não molesta;  
E julga o seu folgar ligeira festa,  
Que morre para não mais renascer.

Abençoada a fé na Eternidade,  
Que aperfeiçoa a alma na bondade,  
E torna o mundo menos sedutor.

Só nela encontra o pobre o justo abrigo,  
E a maldade do rico o seu castigo.  
— O Céu é dos eleitos do Senhor.

## POETISA

Sou poetisa desde aquêlê dia  
Em que tu, com sorriso sedutor,  
Me pediste — talvez por zombaria —  
Para te dedicar versos de amor.

E eu, humilde escrava, que fazia  
Cumprirem-se os desejos do « senhor »  
Da minha inspiração ôca, vasia,  
Um livro belo tive de compor.

E desde então fiz versos sem cessar,  
Cantando minha dor ou meu penar,  
Em rimas de ternura e de saudade.

Ser poetisa — herança torturante —  
Que me legou, em tempo já distante,  
Um grande amor da minha mocidade!

## ANSEIO

— Ter uma casa pequena,  
À beira d'agua poisada.

— Levar a vida serêna  
Da gente pobre e honrada.

— Tratar com cuidado e brio,  
Dos pobres palmos de terra,  
Que dariam passado,  
Aos que vivem lá na serra.

— Cuidar das flores mimosas,  
Que despontam donairosas,  
No mais rústico jardim.

— Possuir o teu amor  
— Ajudar-te em teu labor  
— E ter-te só para mim.

## A VIDA

A vida, meu amor, são êstes dias,  
Que vão assim correndo calmamente,  
Unindo numa esp'rança renascente  
As nossas desveladas simpatias.

A vida são tristezas e alegrias,  
Anseios que nossa alma sempre sente,  
Fogo de amor ardendo intensamente,  
Em chamas de ilusões e fantasias.

A vida é uma tortura renovada ;  
É vir do pó para acabar no nada ;  
Ter o farol da boa ou da má sorte.

A vida é o próprio Deus que nos criou,  
É tempo que há-de vir e o que passou,  
E o grandioso prólogo da Morte.

## WHAT'S IN A NAME!

SHAKSPEARE

### TEU NOME

Teu nome é ladainha que repito  
De manhãzinha, à noite, todo o dia,  
Como suave e terna melodia,  
Que em minha alma tivesse eco infinito.

Teu nome, Meu Amor, é sol bemdito,  
É claro sol de esp'rança e de alegria,  
Que vem iluminar a noite fria,  
Que me envolve cruel quando medito.

O teu nome, modesto, pequenino,  
Tem para mim as vibrações dum hino,  
O valor dum poema aurifulgente.

Ao murmurá-lo, como em oração,  
Eu sinto junto ao meu teu coração . . .  
. . . E olvido todo o mundo, tôda a gente.

## IGREJAS DO MINHO

A nossa gente simples e bondosa,  
Duma só coisa se envaidece e ufana:  
De ter na sua aldeia, bem formosa,  
Uma igreja quer nova quer romana.

Como um brinquinho limpa e muita airosa,  
Enfeitada de flor's tôda a semana,  
Ela é espelho ou tela luminosa,  
Onde se vê passar a vida humana.

Os vêlhos vêem nela o seu passado:  
O casamento, a morte, o baptizado,  
Tudo que lhes deu gôzo ou decepções.

E os moços namorados, as Marias,  
Dizem que só ali há romarias,  
Para o Senhor unir os corações!

## QUEM PUDERA...

Voltar a ser criança quem pudera!  
Quem pudera ignorar a lei da vida!  
Encontrar a alegria já perdida,  
E julgar tôda a gente sã, sincera!

Ganhar novo vigor, qual primavera,  
Que é sempre desejada e apetecida.  
E descobrir p'ra minha alma ferida,  
O bálamo que cura e refrigera.

Voltar a ser criança descuidada,  
Alegre como canto de alvorada,  
Como raio de sol em tarde calma.

E sentir despontar no coração,  
Um amor sem quimera ou ilusão,  
Eterno como Deus e como a alma!

## HOSSANA !

Tantas tradições sagradas  
Que ressurgem do Passado !  
Abrem-se igrejas fechadas,  
Onde Jesus é adorado.

Erguem-se muros velhinhos,  
Pelo tempo carcomidos ;  
Há de novo amor, carinhos,  
Pelos pobres desvalidos.

Novas pedras se levantam,  
Argamassadas de Esperança.  
Os jovens rezam e cantam,  
Há fé no olhar da Criança.

Cultiva-se o amor a Deus,  
— Amor sagrado e fecundo —  
Que há-de levar-nos aos céus,  
E tornar melhor o mundo.

Ama-se a Pátria, êste solo,  
Abençoado e formoso,  
Que dum até outro polo,  
É conhecido e famoso.

Eleva-se o pensamento,  
A tudo que é belo e são.  
Nas almas há Sentimento.  
Nos lábios uma oração.

Renasce a chama sagrada,  
Que ilumina e aquece o lar,  
Nas festas da Consoada,  
— Santa união familiar.

Êste Portugal valente,  
Portugal das caravelas,  
Já regorgita de gente,  
Nas igrejas e capelas.

Seus nobres antepassados,  
— Santos, heróis e guerreiros —  
Veem-se hoje retratados,  
Noutros nobres pioneiros.

Exemplo de tôda a terra,  
Nosso Portugal vèlhinho,  
No mar, no campo, na serra,  
Vive em paz, tem pão e vinho.

E tenho fé — fé inteira —  
Que há-de novamente um dia,  
Voltar à reza caseira,  
— Padre-Nosso — Avé-Maria.

*Ano X da Revolução Nacional*

## QUANDO O AMOR MORRE . . .

Deixas-te de escrever. Tudo acabou.  
O nosso amor foi sonho de ilusão.  
Foi como meteoro que passou,  
Deixando só ruínas em montão.

E hoje o que tu és, também eu sou.  
Guardamos igual dor no coração.  
Eu choro teu olhar que me enganou  
E tu o meu orgulho sem razão.

Não soube perdoar, nem tu pedir,  
Apartamo-nos tristes, a sorrir  
Numa indiferença louca e mentirosa.

Morreu o nosso amor mas ficará  
A saudade que não acabará,  
Do nosso lindo sonho côr de rosa!

Seus nobres antepassados,  
— Santos, heróis e guerreiros —  
Veem-se hoje retratados,  
Noutros nobres pioneiros.

Exemplo de tôda a terra,  
Nosso Portugal vèlhinho,  
No mar, no campo, na serra,  
Vive em paz, tem pão e vinho.

E tenho fé — fé inteira —  
Que há-de novamente um dia,  
Voltar à reza caseira,  
— Padre-Nosso — Avé-Maria.

*Ano X da Revolução Nacional*

## QUANDO O AMOR MORRE...

Deixas-te de escrever. Tudo acabou.  
O nosso amor foi sonho de ilusão.  
Foi como meteoro que passou,  
Deixando só ruínas em montão.

E hoje o que tu és, também eu sou.  
Guardamos igual dor no coração.  
Eu choro teu olhar que me enganou  
E tu o meu orgulho sem razão.

Não soube perdoar, nem tu pedir,  
Apartamo-nos tristes, a sorrir  
Numa indif'rença louca e mentirosa.

Morreu o nosso amor mas ficará  
A saudade que não acabará,  
Do nosso lindo sonho côr de rosa!

## SOL DE OUTONO

O sol de outono é triste e desolado,  
Como o brilho dos olhos dum doente.  
Afaga de mansinho, com cuidado,  
A Natureza pálida e dormente.

Surge de madrugada enevoadado,  
E caminha suave e lentamente,  
Seguindo o seu roteiro costumado,  
Em busca de descanso no Ocidente.

Vagueia pelos campos, pelos montes,  
Detem-se a ouvir o cântico das fontes,  
E desfaz da neblina o denso véu.

O sol de outono aquece sem queimar,  
Tem a doçura amena do luar,  
É carícia de Deus vinda do Céu.

## VOLÚVEL

O que sinto por ti? Tédio, desdém . . .  
— Se eu sou volúvel como o pensamento,  
Não admira que tanto afastamento,  
Me fizesse olvidar o Amor, Meu-Bem!

Gostei de ti, não minto, mas alguém,  
Tomou o teu lugar num só momento,  
E fêz nascer em mim o esquecimento,  
Dos bons momentos que o Passado tem.

Esqueci-te deveras, podes crêr ;  
Era volúvel já, no teu dizer,  
Também o sou agora, e a rigor.

Mas fica para ti uma esperança :  
— Se eu sou assim tam fácil na mudança  
Posso voltar de novo a ter-te amor.

## REALEZA

Eu sou uma rainha poderosa,  
Tenho tudo a meus pés em vassalagem:  
O perfume dos cravos e da rosa,  
Carícias do luar, do sol, da aragem.

A água cristalina e rumorosa,  
Mata-me a sede em tardes de estiagem.  
E a lenha pobrezinha e carunchosa,  
Aquece-me nas noites de friagem.

Cantam os rouxinóis p'ra meu prazer;  
Geme a água na azenha p'ra moer  
O loiro milho que me dá o pão.

Tudo trabalha assim em meu favor.  
— Da Natureza o Homem é Senhor,  
— Todos nós somos reis da Criação.

## DUALISMO

Eu tenho uma alma estranha, indecifrável,  
De perturbante sensibilidade.  
Alma que sente o Amor e a Amizade,  
Num grau que é tam perfeito como instável.

Eu tenho uma alma louca, insaciável  
De ternura, carinho e lealdade;  
Alma que brilha em halos de Bondade,  
E por vezes do mal é responsável.

— Quem a criou assim nesta incerteza,  
Num mixto de fealdade e de beleza,  
Ora boa, ora má e traiçoeira?

Entre duas tendências colocada,  
Eu pergunto a mim mesma desolada,  
— Qual será a minha alma verdadeira?

## SER POETA

O brasão do Poeta é sup'rior,  
A todos os brasões da fidalguia.  
Porque é feito de seu real valor  
E não mera mercê, vã honraria.

O Poeta é senhor da luz do dia,  
Dos Sonhos, da Beleza e até da Dor;  
Nos sentimentos tem soberania,  
Sabe cantar os dons do Criador.

Transforma a Natureza em paraíso;  
Dulcifica a tristeza num sorriso  
E torna a vida bela, ativa e sã.

No nosso abençoado Portugal  
Todos somos poetas por igual  
De coração sensível e alma irmã.

## HEREDITARIEDADE

Quantas recordações tem para nós  
A Pátria, o Lar, a Terra em que nascemos,  
Sinos antigos de cansada voz,  
Horizontes que sempre conhecemos!

Quantas recordações! Nossos avós  
Traçaram os caminhos que corremos,  
Talharam no granito as duas mós,  
Que moem êste pão de que vivemos.

Tudo nos vem das sombras do Passado;  
A Tradição, a Fama, o Amor sagrado  
Da Família, de Deus, da Humanidade!

Tudo nos vem do nobre Portugal  
— De Camões, de Albuquerque e de Cabral —  
Vélho-moço de eterna heróicidade!

## A GUITARRA PORTUGUESA

### TROVAS

Trovadora de tristeza,  
A guitarra portuguesa,  
— De sentir doce e profundo —  
Acompanha os emigrantes  
Vai longe, a terras distantes,  
Chorar saudades ao mundo.

Geme trovas amorosas,  
— Como essas rôlas medrosas  
Ao arrulhar nos pombais —  
Desfia desilusões,  
E mágoas dos corações  
E das almas dos mortais.

Lembra noites coimbrãs  
Moçoilas frescas, louças,  
Conversas de namorados;  
Festivais e romarias,  
— Capelinhas alvadias,  
Paisagens de ares lavados.

Fala-nos de Portugal,  
Do céu azul sem igual,  
Que é o céu da nossa Terra;  
Das maravilhas-riquezas,  
Encantadoras belezas,  
Que no seio farto encerra.

.....  
.....  
.....

Trovadora de tristeza,  
A guitarra portuguesa,  
Sabe bem interpretar:  
Os sentimentos que temos,  
Os horizontes que vemos,  
— É Portugal a vibrar !

## NOIVADO

Adejam pombas brancas nos pombais,  
Noivando eternamente enamoradas,  
E cada dia as flores dos laranjais,  
Perfumam deslumbrantes madrugadas.

É tempo de noivado, de sponsais.  
Palpitam nossas almas perturbadas.  
Ilusões lêdas tornam-se reais,  
E lembranças cruéis são olvidadas.

Tudo canta a alegria de viver!  
Tudo é riso, ternura, bem-querer!  
— Só eu sei quanto a sorte é dura e crua.

A mêdo diz meu coração magoado,  
« Poeta, sonhador-enamorado,  
Espiritualmente serei tua »!...

## SUMO IDEAL

Como um ceguinho pobre e abandonado,  
Ando na vida em busca de Ideal,  
E meu bordão de lágrimas formado,  
Traça no mundo um rápido caudal.

Quem me dará o pão abençoado,  
Que mate a minha fome esp'ritual?  
Quem será o profeta-revelado,  
Que meu anseio tornará real?

— O Pintor, o Filósofo, o Poeta?  
O gerador do Som ou o Esteta  
Criador da Harmonia e da Beleza?

Responde dentro em mim a consciência:  
Só Deus que é Sumo Bem, Suma Ciência,  
E Ideal de máxima grandeza.

## VATICÍNIO

Procuro nos teus olhos êsse amor,  
Que me juraste outrora dedicar,  
E vejo-os frios, calmos, qual luar  
Banhando a terra em noite de calor.

Perderam o seu brilho, o seu fulgor.  
Como o sol no ocaso ao desmaiar.  
E já não têm o doce dealbar,  
Do sonho que sonhaste com ardor.

Teus olhos fogem lesto dos meus olhos,  
Deixam-me a sós com penas e abrolhos,  
Envolto o pensamento em triste véu.

Mas um dia virá em que também,  
Tu vejas, com pesar, no olhar de alguém,  
A indiferença que encontrei no teu !

## ORAÇÃO DE AMOR

Tua imagem renasce, toma vulto,  
Ante a minha alma pobre e desolada.  
E êste imenso amor que trago oculto,  
Tem o brilho oirescente da alvorada.

Desejaste por mim ficar sepulto,  
Num mar de esquecimento, ser um nada;  
E eu mais e mais te quero em louco culto,  
Doce ideal da vida torturada.

De longe dizes tu, em voz sumida:  
Que fui eu? — Uma página já lida,  
Por tua mocidade radiosa.

E minha voz responde com fervor:  
Tu és na minha vida o grande amor,  
Que nos torna infeliz ou venturosa.

## SEGRÊDO

Como violeta simples e modesta,  
Que esconde o seu perfume com cuidado,  
Assim o meu amor se tem guardado,  
E a luz do teu olhar não o molesta.

Trago no coração alegre festa.  
Nos lábios o teu nome bem-amado.  
E se vejo com sombras o passado,  
No futuro a esp'rança é manifesta.

Amando-te receosa, assim a mêdo,  
Guardando com cuidado o meu segrêdo,  
Quem pode descobrir o nome teu?

És o meu qu'rido Príncipe Encoberto,  
Só eu te posso dar um nome certo,  
E eu guardo avaramente o que é só meu!

## DESPRÊZO

Passo indiferente a tudo quanto existe,  
A tudo que me vem do semelhante :  
Ao Amor, êsse deus insinuante,  
A quem o coração nunca resiste.

Desprezo tudo que é risonho ou triste.  
A serra majestosa, o mar gigante,  
A água cristalina, o sol brilhante,  
Tudo que passa e tudo que persiste.

Desprezo a decantada primavera,  
A Fantasia, os Sonhos, a Quimera,  
O perfume da flor, a voz do mar.

Desprezo a simpatia que me dão,  
A Riqueza, o Poder, a Sedução,  
— Só não desprezo a luz do teu olhar !

## SOMBRAS DO PASSADO

Aquêlê paço antigo, senhorial,  
De nobres tradições engrinaldado,  
Tem um estranho encanto do Passado,  
Faz-nos lembrar o vélho Portugal.

No seu terreiro airoso, brasonado,  
Ressoa ainda o eco, o som marcial,  
Das hostes de qualquer senhor feudal,  
Que partiu para a guerra a ser soldado.

E nas janelas altas, geminadas,  
Eu julgo ver as tranças aloiradas,  
Da castelã altiva e sonhadora.

Que adorando um plebeu, um trovador,  
Quisera, em holocausto ao seu amor,  
Transformar-se em humílisma pastora.

## CAPRICHOS DA SORTE

— Ao LOPES DE ARAÚJO,  
NO VIII ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE

— Quem te tornou poeta e sonhador?

— Quem abriu teu olhar à imensidão?

E te fez compreender o Criador?

— Quem te deu tam sensível coração?

Que boa fada te tornou condor?

Que mau destino te prendeu ao chão?

Quem deu ao teu espírito valor,

E te fez vegetar na incompreensão?

Poeta sonhador, humilde e nobre,

Porque nasceste assim sendo tu pobre?

— A Fama só procura a insensatez.

Neste mundo quem são os vencedores?

— Uns néscios e torpíssimos senhores,

Impantes de dinheiro e estupidez.

## MENTIR

Mentir a todo o instante, a tôda a hora,  
Dizer o que não sinto, o que não quero,  
Falar, cantar, enquanto a alma chora  
E o coração simula ser sincero.

É meu destino, sorte sem melhora.  
Passa longe a verdade que venero,  
Afundam-se ilusões e vida fora,  
Nem o eco da voz será mais vero.

A Mentira dá honra relevante,  
Quando é martírio heróico, torturante,  
E se mentimos para bem fazer.

Mentiras tantas digo que nem sei,  
Se é verdadeiro o nome que te dei,  
E se é real o amor que ando a esconder!

## PORQUÊ?

Para mim mesma sou desconhecida.  
Eu não sei de que barro é que sou feita,  
Nem porque tenho esta alma insatisfeita,  
Descontente de tudo, até da vida.

Que ancestral ambição alta e perfeita,  
Se encontra dentro em mim bem recolhida?  
Quem me trouxe o anseio desta lida,  
Em busca do Ideal que me deleita?

Porque não sou igual a tôda a gente,  
Que vive, mas não sofre, mas não sente,  
A tortura de ver-se incompreendida?

Porque arrasto esta cruz sem descansar,  
E não tenho um regaço onde poisar,  
A minha fronte exausta de vencida?!...

## AO FINDAR DO AMOR

Deixa partir o amor, deixa-o partir  
Como partem no outono as andorinhas.  
Devagar, docemente, sem carpir  
As pobres ilusões que nêle tinhas.

Deixa-o perder-se ao longe, deixa-o ir,  
Como se perde o sol pelas tardinhas.  
E que a Resignação venha fulgir,  
No acolhedor lugar onde o mantinhas.

Não lamentos, não chores, tem coragem.  
O amor afinal é uma miragem,  
— Uma ilusão tam vêlha como o mundo.

Vai partir mas um dia voltará,  
Num sorriso leal e bôca sã,  
Ou num olhar amigo, bom, profundo . . .

## EXCLUSIVISMO

Esconder meu amor! Porque razão?  
Se êle é a minha fôrça esp'ritual.  
O meu sonho quimérico — ideal,  
Que me embala num berço de ilusão!

Falam de ti, de mim, desta afeição,  
Do culto que te tenho — sem igual! —  
Mas que importa o falar rude e banal  
Dessa gente sem fé nem coração?

Criticam-me talvez mas cá no fundo  
Do coração, não tem lugar o mundo,  
Feito de lama, podridão e lôdo.

Qualquer dizer alheio é-me indif'rente.  
— Se tu p'ra mim resumes tôda a gente,  
E se eu te quero mais que ao mundo todo!

TOUT PASSE... TOUT CASSE...  
ET TOUT SE REMPLACE

Bem sei que dói, que custa abandonar,  
Um grande amor, uma ilusão ridente,  
Mas podes crer que tôda, tôda a gente,  
Tem o dom de esquecer e de olvidar

Na mocidade não há dor pungente,  
Que não venha depressa a terminar.  
Assim como na areia morre o mar,  
Depois de torturar-se inútilmente.

Tudo passa e esquece nesta vida,  
Até a alma mais triste e combalida,  
Renasce ao sol de novas emoções

Nada perdura neste mundo vão,  
Mesmo o sentir do nosso coração,  
É uma escala de variações!

## DEPENDÊNCIA

Deixei de amar-te há muito, muitos anos,  
Esqueci tuas juras, teu amor;  
Perdeste para mim todo o valor,  
Só me deixaste pobres desenganos.

Aturdi-me em cuidados muito insanos,  
Procurei junto a mim outro mentor.  
E deixei que Cupido tentador,  
Me causasse outras penas, outros danos.

Vivi e amei; senti novas venturas.  
Suportei nova dor, novas torturas,  
Ausências e tristezas... abandôno...

Mas sabes? em segrêdo vou dizer-te;  
Às vezes só de ouvir-te, só de ver-te,  
Sinto que ainda hoje és o meu dono.

## O QUE EU SOU

Eu sou a chama que te aquece e alenta.

— A melodia que te dá prazer.

— A miragem dum bem que sempre tenta.

— A saudade dum dia, dum viver.

— Eu sou a fonte que te dessedenta.

— O primeiro clarão do amanhecer.

— Uma cantiga harmoniosa e lenta.

— Um perfume de rosa a fenecer...

— Eu sou tudo o que vês, tudo o que existe:

Um dobre de finados, calmo, triste,

Um sorriso vibrante, tentador...

— Eu sou a sombra que te segue os passos,

Os teus sonhos, desejos e cansaços,

... E tu és muito mais... és meu senhor!

## ... A DESOLAÇÃO ...

'Stou cansada da vida, pouco resta  
Dos sonhos côm de rosa que sonhei.  
O mundo só me atrista e me molesta,  
Porque ando nêle nem eu mesma o sei.

Caminho alheia a tudo. Há luto? Há festa?  
Quem segue hoje o Rabi da doce lei?  
Há lágrimas em cânticos de festa?  
Qual é o rumo desta nossa Grei?

'Stou cansada da vida, é bem verdade.  
Nasci p'ra andar no espaço em liberdade  
E cortaram-me as asas de repente.

Caí em pleno mundo envilecido,  
Onde caminho à tôa e sem sentido,  
Sem nada que me anime ou me contente.

## QUANDO ÊLE CHEGA . . .

Fenece a tarde. O sol, além no mar,  
Procura seu descanso e calmaria.  
Meu Deus! há quantos dias não o via,  
A Êle, ao meu amor, que vai chegar?!

Tôda a maravilhosa poesia,  
Do pôr-do-sol, da tarde a declinar,  
Foi olvidada por um só olhar,  
De Êle, do meu Amor, minha alegria.

O sol vai esconder-se, perecer,  
Não tarda a noite a vir escurecer  
A terra, o céu, o largo mar sem fim.

Mas que me importa a treva, a escuridão,  
Se o seu olhar repleto de emoção,  
É claro sol brilhante sôbre mim?!

## HORAS

Horas boas e más, tantas passaram  
Na minha vida alegre e caprichosa!  
Horas azues e horas côr de rosa  
Que ridentes quimeras me criaram!

Horas boas e más que me deixaram,  
Esta alma insatisfeita e tormentosa,  
Horas de côr cinzenta penumbrosa,  
Desiludida e triste me tornaram.

Bailam as horas em redor da vida,  
Numa constante e infindável lida,  
Espalhando tristezas e alegrias.

Horas de amor, de esp'rança e de folgar,  
Quantas passaram para não voltar!  
Quantas virão ainda mais vasia!

## DESTINOS

Como te invejo, ó camponês amigo,  
Que vives na campina farta e rude,  
E encontras na Natura um doce abrigo,  
Frutos são e ar são que não ilude!

Como te invejo a ti, meu bom amigo,  
Que moes o teu milho lá na açude,  
E comes o pão alvo, sem perigo,  
Vivendo alegre e fero, com saúde!

Oh quanto as nossas sortes são trocadas:  
Eu entre estas paredes bem caiadas,  
— Prisão doirada de ave pobrezinha —

E tu tostando ao sol a dura tez,  
Cavando o solo, o solo português,  
Trocava a tua sina pela minha!

## EXORTAÇÃO

— Coímbra doutras eras já distantes,  
Coalhada de capas e batinas,  
De alegres e chistosos estudantes,  
E de tricanas belas e ladinas.

— Coímbra éden sacro dos amantes,  
Rainha de montados e campinas.

— Coímbra das reprêsas murmurantes  
Dos conventos em dobres de matinas.

— Coímbra do choupal dos rouxinóis,  
De alegres madrugadas e arrebóis,  
De poentes doirados e luzentes.

— Veste de novo as galas doutras eras!  
Volta a brilhar em Sonhos e Quimeras!  
Dá gerações de sábios e valentes!

## A MAIOR RIQUEZA

Vou para ti de mãos nuas, despidas,  
Como o pobre mais pobre de alegrias.  
Levo por dote as lágrimas vertidas,  
E as minhas jóias são melancolias...

Vamos juntar as nossas duas vidas,  
Em espirituais ideologias.  
Na paz das nossas almas reunidas,  
Hão-de ser bem pequenos longos dias!

Ser rico de que vale, meu amor,  
Se se interpõe o ódio e o desamor,  
À união das almas bem fadadas?

Prefiro ser feliz nesta pobreza,  
Pois teu amor é a maior riqueza,  
De tôdas as riquezas já criadas.

## NOCTURNO

Deixa cair o dia de mansinho.  
Deixa seguir o sol o seu destino.  
Deixa cantar as aves louco hino,  
Nos frescos arvoredos do caminho.

Deixa perder-se ao longe o som divino,  
Cheio de unção, de amor e de carinho,  
Que vem do campanário já vèlhinho,  
— Avé-Marias, voz de antigo sino.

Deixa seguir a vida a sua ronda.  
Deixa cantar ceifeiros lá na monda,  
E regressar dos campos mansos bois.

Que tudo para nós se perca e afaste,  
E nem o desprender da flor da haste,  
Interrompa o silêncio entre nós dois...

## OS MEUS VERSOS

Os versos que te fiz já não são teus.  
Perdeste a regalia de os guardar,  
Porque acabou aquêlo doido amar,  
Que me fêz adorar-te como um Deus.

Como brilhantes astros lá dos céus,  
Que as nuvens conseguiram apagar,  
Assim o esquecimento fêz passar,  
A lembrança dos belos olhos teus.

Queima meus versos que, sem ter valor,  
Vibraram de emoção, de terno amor,  
E agora são pedaços de amargura.

Que suas cinzas vão correr, voar,  
E caíam vagarosas sôbre o mar,  
Numa grande onda de fugaz tristura...

## AOS POBRES, MEUS IRMÃOS

Tanta torpeza neste mundo vão!  
Tanto egoísmo nas almas dos mortais!  
Tantos suspiros, tantas dor's e ais,  
E farrapos de esp'rança e de ilusão!

Dorsos humildes, p'ra que vos curvais?  
Bôcas famintas, porque pedis pão?  
Se Deus que é Sumo Bem, Suma Razão,  
Vos fêz assim para elevar-vos mais?

Vãs honras desta vida passageira,  
O que valem na hora derradeira?  
O dinheiro inda a morte não venceu!

Meu irmão caminheiro, tem coragem,  
Se é difícil e rude esta viagem,  
O repouso final será o Céu.

## LAMENTOS

Meu coração,  
Choras em vão,  
És triste e só;  
A vida é assim,  
Até ao fim,  
Só cinza e pó.

P'ra quê tristezas,  
Dor, nostalgia,  
Se nossa vida  
É curto dia?

Todo o momento,  
Me traz tormento,  
E ansiedade;  
Sou rouxinol,  
Procuro o sol,  
E acho maldade.

Sou trovador,  
E canto o amor,  
Louvo a amizade;  
Dou-lhes ternura,  
Dão-me amargura,  
Sem piedade.

Meu coração,  
Todo paixão,  
E caridade,  
Vive isolado,  
Desamparado,  
Da Humanidade.

E se ergo o olhar,  
A procurar,  
Pôrto seguro,  
Nunca lobrigo,  
Amparo amigo,  
Fé no Futuro.

Sou como um rio  
Soturno e frio,  
Entre verdura ;  
Meu alto ideal,  
Só é real,  
Na sepultura.

Visionária,  
Imaginária,  
Dum sonho lindo,  
Ando na lida,  
Desta atroz vida,  
Chorando e rindo.

P'ra quê tristezas,  
Dor, nostalgia,  
Se nossa vida  
É curto dia ?!

## A DOR

Tu não conheces a Dor,  
— Essa dama misteriosa,  
Que aparece pressurosa,  
Em seguimento do amor?

Veste de sombria côr,  
Sempre tristonha e chorosa.  
Desfaz sonhos côr de rosa  
E traz-nos luto e amargor!

A Dor assassina a Vida,  
Anda sempre numa lida,  
Percorrendo sul e norte.

Renitente companhia,  
Só nos abandona um dia,  
Para dar lugar à Morte.

## TÉDIO

Eu sinto um tédio enorme e inclemente,  
Avassalar meus dias doloridos,  
Que passam, sem clarão de luz ridente,  
Num desfilar funéreo de vencidos.

Tudo é igual e nada é diferente :  
Horizontes há muito conhecidos,  
O céu azul, o sol brilhante e quente,  
E a mesma litania de gemidos.

Constante perpassar de actos e cenas :  
Manhãs formosas e tardes amenas,  
Que tédio enorme em mim fazem nascer !

Tudo aborreço, nada me contenta,  
Do tempo a marcha é enervante e lenta,  
— Tu estás longe e eu não te posso ver !

## FINIS

Os versos pobrezinhos que aqui deixo,  
Em cadências de altíssima verdade,  
São ilusões da minha mocidade,  
Que tiveram a dor como desfecho.

São pálidos clarões da realidade,  
Que pôs ao meu amor um triste fecho.  
São tormentos cruéis de que me queixo.  
São vibrações da vida que me invade.

Os meus versos — lampejos dolorosos,  
São mendigos, tristonhos, pezarosos,  
Que vão pedir a esmola apetecida.

São soluços, são ais, são expansões,  
A procurar refúgio em corações,  
Que saibam compreender a Dor da Vida!

## MIGALHAS

Migalhas só migalhas tu me dás,  
— Pobres restos de amor já repartido,  
— Raios de sol efémero, fugaz,  
Que não secam meu pranto dolorido.

Esmola tam pequena pouco faz,  
A quem vive a penar, desiludido ;  
E dar tam pouco como tu me dás,  
Não é justo, nem bom, nem faz sentido.

Migalhas vindas de alto pouco trazem,  
Pouco alimento dão, pouco me fazem,  
Se pobre sou mais pobre julgo ser.

Porque, quando recebo tua esmola,  
Fico com a certeza que desola  
De tu pouco me dares e muito ter !

## O PECADO DA SOBERBA

Despe a mortalha em que andas envolvido,  
Essa roupagem rica de ironia.  
E baixa o olhar ao pobre, ao desvalido,  
À miséria cruel, em pleno dia.

O teu ar arrogante e presumido,  
Tem muito de estultícia — má valia! —  
Vives num trono, um trono apodrecido.  
De todo o bem tua alma está vasia.

Olha os mortais, iguais a ti, parece!  
O sol é sol e, vindo de muito alto,  
A todos ilumina, afaga e aquece.

E tu? Que vales tu dentro do mundo?  
— És um pequeno verme que eu exalto.  
— Um átomo desfeito num segundo!

## AVAREZA

Tu que tens muito, dá! Assim dizia  
Jesus, o Salvador da Humanidade;  
E a multidão devota que o seguia  
Praticou desde então a caridade.

Mas foi passando o tempo, e um certo dia  
Os ricos esqueceram a Verdade.  
Tomaram o egoísmo por seu guia  
E o pobre teve fome, dor, maldade.

Oh tu que pouco tens! Dá tu esmola,  
Numa palavra boa que consola,  
Num sorriso de amparo fraternal.

Deixa a Avareza p'ra quem tudo tem.  
Sê pródigo de Amor, de Fé, e de Bem,  
E sê avaro, sê, mas só do Mal!

## VASO PARTIDO

IL EST BRISÉ... N'Y TOUCHEZ  
PAS!... SULLY PRUDHOMME

Um dia, um vaso frágil de cristal,  
Com veios azulados e côr de oiro,  
— Um vaso estilizado, oriental —  
Fendeu-se ao leve sôpro dum beoiro.

E êsse lanho superficial,  
Tirou todo o valor a tal tesoiro;  
Feneceram as flores, no seu frontal,  
E a água fêz por êle escoadoiro.

Partiu-se e ninguém deu pela ferida...  
Assim também há tanta, tanta vida,  
Que um coração amado magoou!...

E que feliz, aos olhos de quem passa,  
Esconde a sua dor, sua desgraça,  
E bem diz inda a mão que a destroçou!...

AMOR P'RA ALÉM DA VIDA  
E ALÉM DA MORTE...

Em ti eu concentrei a vida inteira :  
Os meus sonhos, anseios e cuidados.  
Em ti eu reüni os predicados  
Da Ventura mais alta e verdadeira.

Tu és minhas virtudes e pecados.  
Contente só o estou à tua beira.  
E na calma da hora derradeira,  
Hão-de por ti meus olhos ser cerrados.

Ao mundo, só me prendem os teus braços.  
À terra, só me ligam êsses laços,  
Que soldaste em cadeia muito forte.

Dobadoira do tempo, pára um pouco :  
Deixa saborear êste amor louco,  
Amor p'ra além da Vida e além da Morte !

## AO ENTARDECER...

Horas do fim da tarde, horas serênas.  
Recolhimento e paz interior.  
Horas de sombras, da côr de verbenas.  
Horas de anoitecer e do sol-pôr.

Doçura e quietidão; horas amenas  
Em que eu penso na Morte, sem terror,  
E na ilusão das dádivas terrenas,  
Frágeis ofertas de Amizade e Amor.

Horas do entardecer, do fim do dia,  
Passo-as a divagar, na nostalgia  
Daquilo que eu sonhei e que não tenho...

Numa hora destas, hora amargurada,  
Ergueu-se a Cruz na terra escravizada,  
E o Salvador morreu no Santo Lenho...

## NOBRE RAÇA

Oh minha raça estirpe abençoada  
Oh minha raça cujo sangue ardente  
Regaste longes terras do Oriente  
Marcando pelo mar bem longa estrada!

Oh minha raça heróica e combatente  
Que sempre uniste a Cruz à tua Espada  
E na História profana e na sagrada  
Maravilhaste o mundo e tôda a gente.

Oh minha raça — povo de guerreiros,  
De santos e de heróis, de pioneiros  
Dum ideal supremo, são, perfeito!

Oh minha raça tudo a ti me liga  
Tu és a celebrada « Grande Amiga »  
— Sinto-te a palpitar dentro do peito.

## CARAVELA DOS MEUS SONHOS...

O barco dos meus sonhos vai partir.  
Levando o pensamento às regiões,  
Onde há vagas de altivas emoções,  
E fagueiras esp'ranças no porvir.

Navega no alto mar das sensações,  
Com alvejantes velas a fremir,  
E uma luz pequenina a refulgir  
De noite, nas reais mastreações.

Vai sem destino, é caravela errante.  
Pára aqui e acolá, a todo o instante,  
Deixando e recolhendo novos dons.

Já deu a volta ao mundo muitas vezes,  
Embarcou sonhos maus, tristes revezes,  
E deixou afundar-se os sonhos bons.

ASSIM ACABOU A DOLOROSA  
SENDA DUMA ALMA ELEITA PARA  
A POESIA, CHEIA DE SENTIMEN-  
TALISMO PURO, CUJA MEMÓRIA  
RECORDATIVA JAMAIS SE APA-  
GARÁ DOS ESPÍRITOS QUE LHE  
RECONHECERAM SEMPRE TALEN-  
TOSO VALOR.









biblioteca  
municipal  
barcelos



61326

Vibrações da vida